

UM ESTUDO SOBRE A INICIAÇÃO DO FUTSAL FEMINO NA PERIFERIA DE CURITIBAJoão Carlos Kotviski¹**RESUMO**

Este trabalho, que discorre sobre a iniciação no futsal feminino nas periferias, tem a intenção de mostrar que, apesar das dificuldades que as meninas enfrentam ao iniciar e seguir treinando no futsal, nada impede que elas corram atrás dos seus sonhos com a mesma raça e determinação dos meninos. Também mostra que estas dificuldades são potencializadas contra elas pelo preconceito. Algumas dessas dificuldades estão representadas nas 10 questões propostas no questionário usado como instrumento de coleta de dados, como o lado financeiro, a habilidade, a distância até o local dos treinos e o incentivo dos pais e responsáveis. Responderam ao questionário, 16 meninas matriculadas em uma escola estadual de Curitiba, tendo entre 11 e 16 anos e, com tempo de prática entre 1 mês e 6 anos.

Palavras-chave: Futsal, Futsal Feminino, Iniciação, Preconceito.

ABSTRACT

A study about the initiation of female futsal in the suburbs Curitiba

This work discusses the initiation into futsal in the peripheries, intends to show that, despite the difficulties that girls face when starting and keep coaching futsal, nothing prevents them run after your dreams with the same race and determination of the boys. It also shows that these difficulties are enhanced by prejudice against them. Some of these difficulties are represented by the 10 questions posed in the questionnaire used as an instrument of data collection, as the financial side, the skill, the distance until the location of the practice and encouragement of the parents and guardians. Answered the questionnaire, 16 girls enrolled in a state school in Curitiba, they are between 11 and 16 years old and, with time of practice between 1 month and 6 years.

Key words: Futsal, Female futsal, Initiation, prejudice.

E-mail:
joaocarloskt@gmail.com

Endereço para correspondência:
Rua João Dembinski, 2380/B2-12
CIC – Curitiba – Paraná
CEP: 31230-000

1-Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Gama Filho em Futebol e Futsal: As Ciências do Esporte e a Metodologia do Treinamento.

INTRODUÇÃO

A iniciação em todos os esportes deve ser feita com muita responsabilidade, ainda mais, quando determinados esportes tem uma cultura machista, como é o caso do futsal.

Assim, se os meninos já enfrentam muitas dificuldades para iniciar em seu esporte preferido, como por exemplo, falta de professores especializados e local de treino, uma vez que sempre dependem de quadras escolares, as meninas ainda têm que enfrentar todo um preconceito constante, que acaba aumentando suas dificuldades e, conseqüentemente desmotivando assim, a maioria delas.

O objetivo deste artigo é o de identificar as circunstâncias de oportunidades na iniciação do futsal feminino na periferia da cidade de Curitiba.

MATERIAIS E MÉTODOS

A amostra foi constituída por 16 alunas praticantes de futsal, com tempo de prática entre 1 mês e 6 anos, e com idade entre 11 e 16 anos, em uma escola pública estadual, no município de Curitiba.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário com 10 perguntas em questões fechadas, cada uma

com cinco itens, baseados no item de Likert. Todos os elementos da amostra participaram livre e espontaneamente após lerem e assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido conforme resolução 196/96 do Ministério da Saúde.

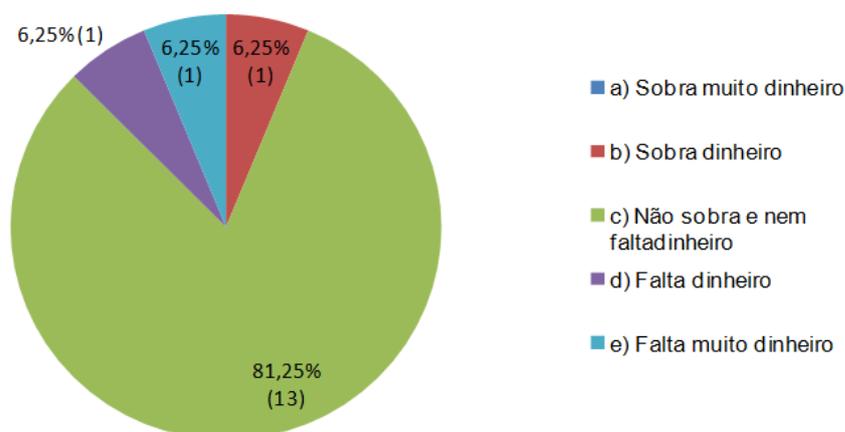
Utilizou-se a estatística descritiva para apresentar os dados em gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando falamos em iniciação de futsal, a primeira coisa que nos vem a mente, é uma escolinha de futsal paga, com professores capacitados que realmente executam um processo pedagógico sem tratar as crianças como mini atletas, e com material adequado sempre a disposição.

Porém, quando pensamos nas populações dos bairros das periferias das cidades, a realidade é outra, tanto para meninos como para meninas, pois dependem geralmente de quadras ou escolas públicas para iniciar o treino de seu esporte preferido. E as meninas passam por dificuldades muito maiores, devido a uma série de circunstâncias que podem atrapalhar, retardar e até impedir que elas iniciem o caminho para realização do seu sonho.

Gráfico 1 - Em relação ao dinheiro, qual é a sua situação quando você pensa em jogar futsal?



Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Gráfico 2 - Com relação à “habilidade com bola”, você acha que para começar a jogar futsal é preciso.

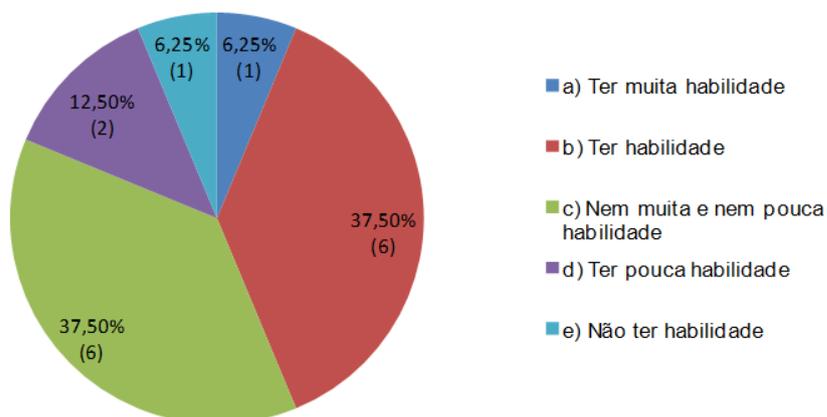


Gráfico 3 - A “distância” entre a sua casa e o local dos treinos.

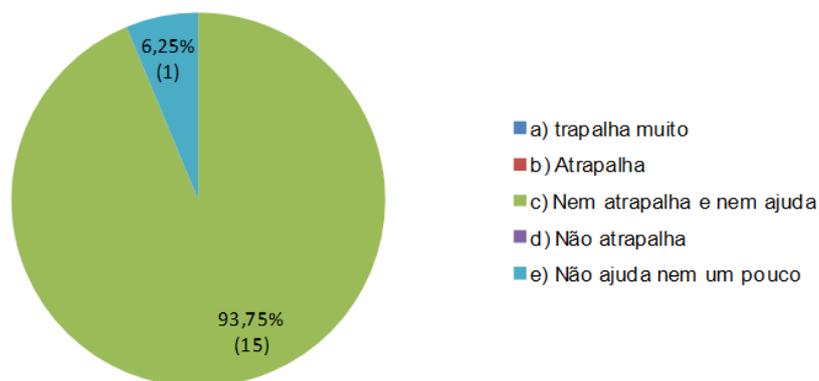


Gráfico 4 - Com relação ao “incentivo dos pais ou responsáveis”, você acha que eles.

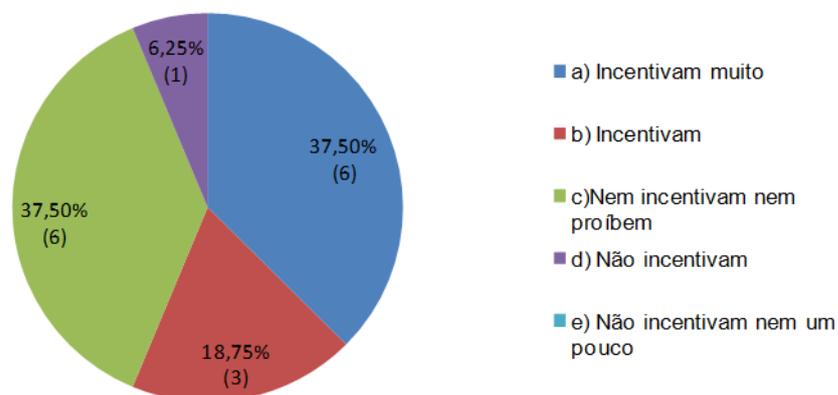


Gráfico 5 - Qual a importância da “opinião dos outros” sobre você jogar futsal?

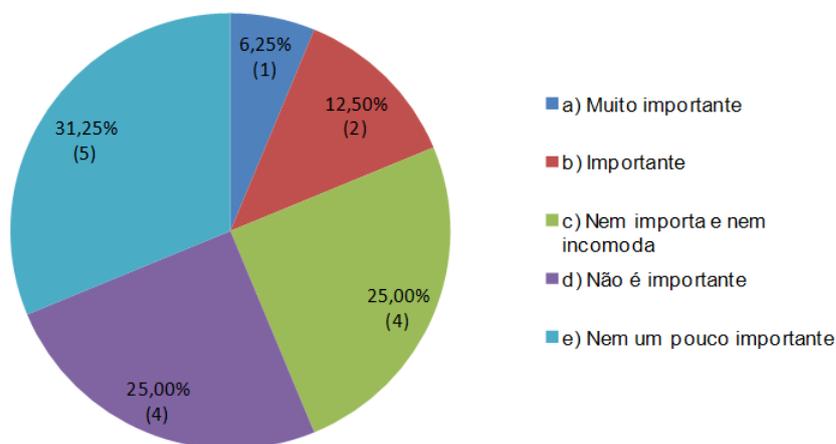


Gráfico 6 - Quando as pessoas dizem que futsal é “coisa de meninos”, você.

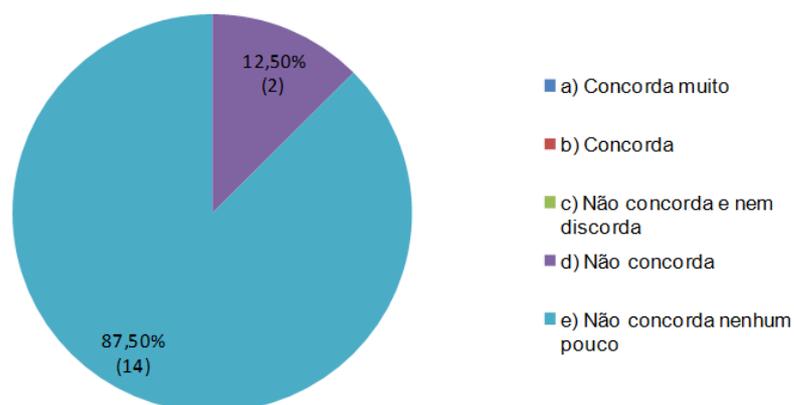


Gráfico 7 - Com relação a “prática do futsal na sua escola”, você tem.

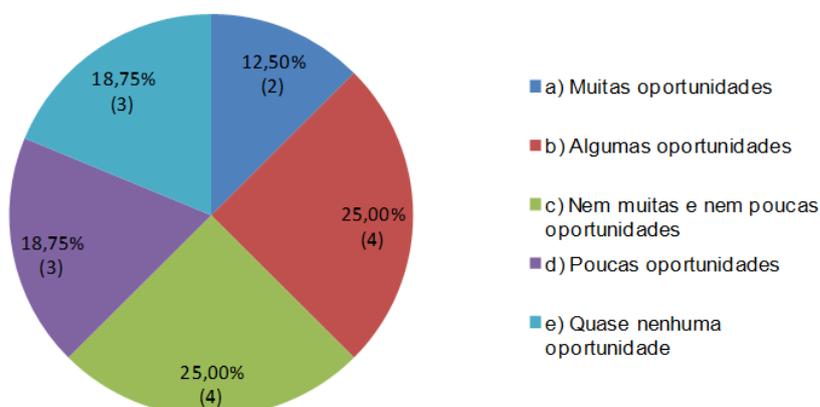


Gráfico 8 - Quanto ao “número de quadras” para a prática do futsal no seu bairro.

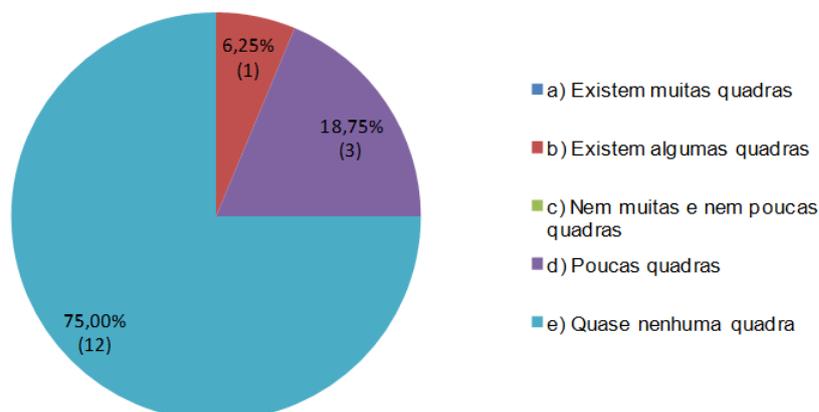


Gráfico 9 - Você concorda quando as pessoas dizem que “boas jogadoras já nascem com talento para o futsal?”

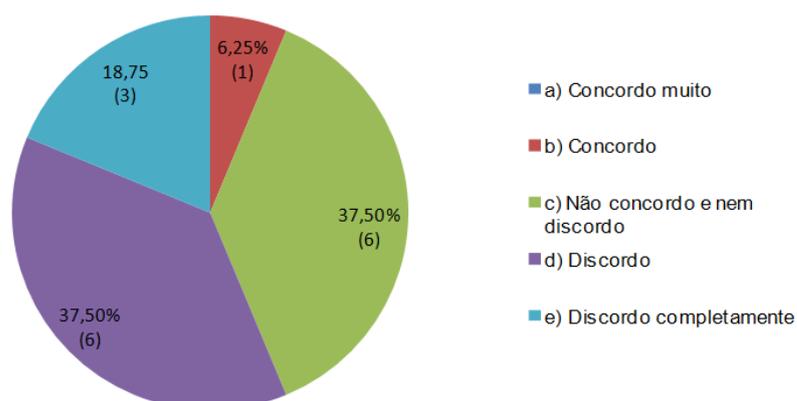
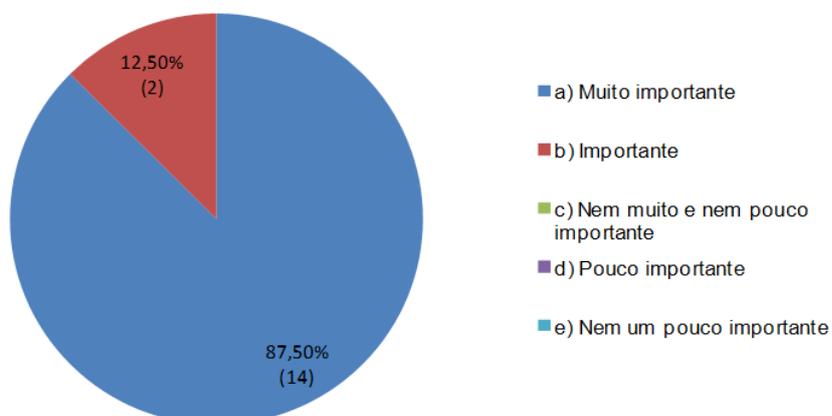


Gráfico 10 - Como você considera a importância do seu professor/treinador?



Algumas dessas circunstâncias são inerentes tanto para meninas como para os meninos, mas sempre, ou quase sempre, potencializando mais as dificuldades das meninas. No que diz respeito à parte financeira, quando perguntado as 16 participantes da amostra, 13 praticantes, 81,25% consideraram que “não sobra e nem falta dinheiro”. “Sobra dinheiro”, “falta dinheiro” e “falta muito dinheiro”, 1 praticante, 6,25% para cada uma.

Essa posição da maioria se deve ao fato de que a intenção não é ir para uma escolinha de futsal ou alguma escolinha franqueada de algum grande time, e sim de iniciar no “ginásio do bairro”, ou depender de algum professor abnegado, ou ainda, no caso de Curitiba, os Centros de Treinamento Municipais, com projetos de esporte e lazer para a comunidade.

Na questão “habilidade com bola”, 6 praticantes, 37,5% afirmaram que é preciso “ter habilidade” e 6 participantes afirmaram “nem muita e nem pouca habilidade”, com 2 praticantes, 12,5% para “pouca habilidade”. Fechando esta questão, os itens “ter muita habilidade” e “não ter habilidade”, ficaram com 1 praticante, 6,25% cada uma.

A cobrança da habilidade para iniciar no futsal é maior para os meninos, cobrança esta vinda mais dos pais e parentes. Para as meninas, a pressão é mais interior, por elas se compararem aos meninos o tempo todo. Porém, no dia a dia das atividades dentro dos treinos, elas praticam com a maior alegria e disposição possíveis, pois elas sabem que podem aprender da mesma forma que eles. Podem ser ensinados cada vez mais elementos técnicos básicos, de tal modo, que seja possível a continuação do futuro desenvolvimento para as modernas técnicas esportivas do futsal (Junior, 2009).

Sobre a distância entre as residências e o local dos treinos, 15 praticantes, 93,75% disseram que “não atrapalha e nem ajuda”, enquanto que apenas 1 praticante, 6,25% afirmou que “não ajuda nem um pouco”. Neste caso, a distância não é determinante para a iniciação, uma vez que a maioria das alunas treina na escola e moram todos próximos do local. O único caso que atrapalha é porque a aluna mora em outro bairro e vem a escola só para treinar.

Um dos pontos muito importantes para qualquer criança que queira se iniciar em

qualquer tipo de esportes, é o incentivo dos pais. Aqui, na soma das duas primeiras opções positivas e na opção que traduz indiferença, ouve uma predominância das respostas, com 6 praticantes, 37,5% para “incentivam muito”, 3 praticantes, 18,75% para “incentivam”, e mais 6 praticantes respondendo que “nem incentivam e nem proíbem”, finalizando com apenas 1 praticante, 6,25% que “não incentivam”.

A questão do incentivo não impede que elas se iniciem e treinem o futsal, e nesse caso, confirma que o apoio familiar é muito importante para elas na motivação da sequência dos treinamentos.

Segundo Oliveira, citado por Souza (2011), o incentivo da família é importante no desenvolvimento de qualquer prática esportiva e, quando se trata de uma modalidade em que as praticantes são vistas de maneira diferente pela sociedade, seu papel se torna de apoio ou barreira, visto que é difícil permanecer praticando o futsal, se existe o pensamento preconceituoso dentro da própria casa.

Nas duas próximas questões, existe o problema maior que é o preconceito com relação às meninas que querem se iniciar e treinar o futsal.

Segundo Oliveira, citado por Souza (2011), o preconceito no futsal feminino pode-se apresentar de várias maneiras, seja nas questões de gênero, em que se pensa que mulheres não sabem jogar bola; nas questões do vestuário associado aos papéis de gênero, mulheres que se vestem como homens; ou ainda nas questões como a sexualidade, onde as mulheres que jogam futebol/futsal são estereotipadas como homossexuais.

Quando questionadas sobre a “opinião dos outros”, as perguntas com respostas que traduzem indiferença ficaram com a preferência. Com 4 praticantes, 25% respondendo que “nem importa e nem incomoda” e 4 praticantes, 25% que “não é importante”. E 5 praticantes, 31,25% disseram que não é “nem um pouco importante”, 1 praticante, 6,25% respondeu que é “muito importante” e 2 praticantes, 12,25% afirmaram que é “importante”.

Por mais que, as competições adultas de futsal feminino estejam estabelecidas, inclusive com três mundiais vencidos pelas mulheres brasileiras, e mais, com a jogadora de futebol Marta aparecendo na mídia frequentemente, mesmo assim, sempre que

uma menina com 10 ou 11 anos começa a jogar no meio dos piás, lá vem alguém chama-la de piá ou sapatão. Até quando?

Para Silva e Lima (2010) é nesse sentido que compreendemos a prática do futsal pelas meninas na escola, mais que uma brincadeira. Uma turma de mulheres significa, sobretudo, uma possibilidade de construção de outro modelo de gênero, onde as relações sociais historicamente machistas passam por um processo de ressignificação.

Ainda dentro da questão do preconceito, na pergunta mais específica sobre uma opinião também específica, a maioria, ou seja, 14 praticantes, 87,5% respondeu que “não concorda nem um pouco” com a manifestação machista de que o futsal é “coisa de meninos”, além de as outras 2 praticantes, 12,5% afirmarem que “não concordam” com esta expressão. Realmente, as meninas não se deixam afetar por qualquer opinião que caracterize preconceito. Se elas gostam e querem, o que lhes falta é a oportunidade, só isso.

Na pergunta que aborda as oportunidades dentro da escola, houve certo equilíbrio onde 4 praticantes, 25% responderam respectivamente para cada questão “algumas oportunidades” e “nem muitas nem poucas oportunidades”, 3 praticantes, 18,75% para as duas respostas negativas respectivamente “poucas oportunidades” e “quase nenhuma oportunidade”. E para a resposta mais positiva, 2 praticantes, 12,5% afirmando que tem “muitas oportunidades”.

Nesta questão, a influência da postura do professor sempre vai determinar até que ponto as oportunidades dentro da escola vão existir, pois se depender apenas dos meninos, apenas aquelas mais habilidosas vão poder fazer parte do dia a dia do futsal na escola.

Segundo Bezerra (2006), o professor de Educação Física tem um grande papel na inserção do futsal feminino na escola, quando começa dando em suas aulas de Educação Física Escolar o futsal também para as meninas.

Sendo assim, o professor tem o dever de proporcionar oportunidades iguais para ambos os sexos, como podemos observar o que afirma Santana (2007), possíveis comparações com o futsal masculino, devem ser sumariamente evitadas, pois são, minimamente, inoportunas. Mulheres têm de

ser comparadas entre si. Assim, terão respeitada sua individualidade; assim as meninas poderão se iniciar no futsal sem a responsabilidade e/ ou o objetivo de terem de se comportar como os meninos naquilo que fazem para serem aceitas pelos (as) professores (as).

A respeito de um lugar para praticar o futsal, ou seja, o número de quadras disponíveis no bairro local, as respostas traduzem uma realidade da maioria dos bairros brasileiros, senão vejamos. Das 16 participantes, 12 praticantes, 75% responderam que não existe “quase nenhuma quadra”, somando mais 3 praticantes, 18,75% respondendo “poucas quadras”, e apenas 1 praticante, 6,25% afirmando que existem muitas quadras.

Quase sempre, a única quadra disponível para a prática do futsal na periferia, é a quadra da escola. Em muitos casos, a única maneira de haver duas quadras no bairro, é além de uma escola estadual, é haver uma escola municipal também.

A penúltima pergunta pode ser considerada uma questão que se refere a uma situação um tanto quanto delicada, e que causa muita controvérsia entre professores de treinadores de categorias de base, pois envolve o termo “talento”, usado com frequência pelos chamados “olheiros” ou “descobridores” de talento. Ao responderem, se concordavam que “boas jogadoras já nascem com talento para o futsal”, apenas 1 praticante, 6,25% das 16 participantes respondeu que concordava com esta afirmação.

Já 6 praticantes, 37,5% responderam “não concordo nem discordo”, e outras 6 praticantes, 37,5% responderam “discordo”, fechando outras 3 praticantes, 18,75% respondendo que “discordavam completamente”.

Aqui, podemos lembrar a afirmação de Junior (2009) que relata que a fase de aquisição que abrange a faixa etária de 6 à 9 anos, tem o objetivo, melhorar as bases motoras gerais, bem como, despertar o interesse pelo esporte. Então, isso explica porque os meninos tem mais habilidade do que as meninas, ou seja, nessa idade, eles já jogavam fora das escolinhas, na rua da frente de casa, etc., adquirindo assim, o que a maioria desavisada chama de talento superior ao das meninas.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Na última pergunta como era de se esperar, devido a uma constante conscientização sobre a necessidade da presença de um professor e treinador, e também a carência das meninas com alguém que as entendam, a maioria, 14 praticantes, 87,5% responderam que consideram “muito importante” um professor/treinador, e somando mais 2 respostas positivas, 12,5% respondendo “importante”.

Segundo Freire (2013), poderes públicos, organizações não-governamentais e outras instituições que se dedicarem ao esporte educacional devem apresentar competência para ensinar esporte a todos, o que inclui os mais habilidosos, os deficientes motores e mentais, os mais novos e os mais velhos, homens e mulheres, altos e baixos, etc. Além do mais, se lembrarmos que as meninas precisam de alguém preparado em todos os sentidos, justifica-se a necessidade que elas tem, de sempre contar com a opinião dos professores/treinadores sobre seu desempenho, como bem afirma Silva e Lima (2010) um professor, com afetividade desenvolvida, que possui a capacidade de ouvir e aconselhar um indivíduo de modo pertinente pode fazer muita diferença em um ambiente educativo.

Desta forma, a atuação do professor deve ser muito bem fundamentada, para que não haja prejuízo às meninas, e como bem afirma Freire (2013), no esporte educacional é o esporte que deve ser adaptado às pessoas, e não o contrário. Os professores colocados a serviço do esporte educacional devem ser antes muito bem preparados.

CONCLUSÃO

As meninas, assim como os meninos, enfrentam basicamente as mesmas dificuldades para se iniciar no futsal. Porém, o preconceito se sobressai como fator determinante para elas, no mínimo, adiarem a decisão de começar a treinar em algum lugar, mesmo que seja na escola em que estudem.

No mais, a falta de oportunidade, comum também aos meninos, vem para complicar ainda mais a realização de seus sonhos.

REFERENCIAS

1-Bezerra, E. L. Futsal Feminino e Escola no Nordeste Brasileiro: Uma Análise da Iniciação nas Aulas de Educação Física. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/Futsal-nordeste.pdf Acesso em 24/03/2013.

2-Freire, J. Princípios do Esporte Educacional. Disponível em: <http://blog.cev.org.br/joaofreire> Acesso em 24/03/2013.

3-Junior, J. R. A. Futsal: Aquisição, Iniciação e Especialização. Curitiba. Editora Juruá. 2009.

4-Santana, W. C. A Expansão do Futsal Feminino. 2007. Disponível em: http://www.pedagogiadofutsal.com.br/interna_editoriais.aspx?id=36 Acesso em 24/03/2013.

5-Silva, M. C.; Lima, M. P. A Prática de Futsal Por Meninas: uma medida importante para aumentar a resiliência de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. 2010. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/viewFile/9/45> Acesso em 30/03/2013.

6-Souza, M. M. Futsal Também é Coisa de Mulher: Por quê Será Que Elas o Praticam? Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39326> Acesso em 30/03/2013.

Recebido para publicação em 20/04/2013
Aceito em 15/05/2013